

“ESCUTE COM SEU CORPO”: O POTENCIAL SUBVERSIVO DO AFETO EM TEMPOS SOMBRIOS

“Listen with your body”: the subversive power of affect in dark times

Cláudia Hilsdorf ROCHA
Universidade Estadual de Campinas
claudiahrocha@iel.unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0001-9717-2375>

Estamos vivendo tempos de horror. Violentos. Extenuantes. Catastróficos e pandêmicos, nos mais diversos sentidos. Tempos sombrios, como diria Hannah Arendt, a grande filósofa alemã, que brilhantemente discorreu sobre regimes totalitários como períodos históricos em que o espaço público é brutalmente reduzido, a pluralidade é impiedosamente apagada e a razão é violentamente arrancada do âmago dos processos sociais pela força do irracionalismo destrutivo.

Em tempos sombrios de crise, minam-se os espaços de dissenso e as liberdades de pensamento e de ação criativas, cerceando possibilidades de resistência subversiva. Nesses tempos, a tendência é o fechamento e a conseqüente reclusão ao que nos é familiar, aliados ao ódio pelo que nos é estrangeiro ou diferente. Em tempos violentos de escuridão e raiva injusta ou infundada, como bem nos lembra Arendt, aqueles que se sentem tão envergonhados pelo mundo como ele se apresenta buscam refúgio na invisibilidade. Assim, acabamos por nos afastar do que verdadeiramente nos dá liberdade e nos torna pessoas, seres políticos – a vida plural e coletiva.

Conforme nos explica Leonardo Barros Soares, professor em ciências políticas, em tempos sombrios, permitimos que se instale, no domínio público, o personalismo, o familismo, o clientelismo e o mundo nacionalista da corrupção miúda, da violência contra todos aqueles que não são autorizados a fazerem parte da nossa família, seja ela política ou de sangue. Nesse mundo de trevas e abismos, não há espaço para o reconhecimento ou vivência das comunidades *de destino*, como nos conta Bauman (2004), em seu livro *Identidades*. Não há abertura para as pessoas se unirem pelos afetos alegres, que as levam a reconhecer a desafiante, embora muitas vezes desconfortável, beleza da diferença.

Fechados no individualismo e no pensamento essencializante, em um mundo desde sempre diverso e pluricultural, somos incapazes de nos unir em comunidades de *peessoas que acreditam* ser preciso, em meio a contradições e demandas muitas vezes aparentemente incompatíveis, fazer escolhas comuns, repeti-las, reconsiderá-las, reinventá-las, para, assim, reconstruir a coletividade. Impera simultaneamente, nessas condições, no domínio do privado, o terror das violências, físicas e simbólicas, ou seja, das dominações de gênero, raça e classe. Mantêm-se altivos e fortalecidos, como bases das subjetividades sombrias, o cinismo e o conservadorismo hipócrita, que oprimem, desumanizam, fazem sangrar e matam, de muitas maneiras distintas, mas igualmente avassaladoras e inimaginavelmente dolorosas.

É fato, também, que os tempos sombrios sempre existiram. Hannah Arendt (1955) é enfática ao afirmar que a história conhece muitos períodos que obscureceram o mundo, tornando-o tão incerto, aterrorizante e dúbio que levaram as pessoas a desacreditarem na política e em si mesmas. Como afirma Soares (2020), tempos sombrios se conformam à maior parte da história humana. Não é difícil reconhecer as violências dessa escuridão nos dias de hoje. De formas distintas e sempre particulares, a força de destruição dos tempos outrora sombrios se faz também hoje muito presente em nossa realidade caótica, carregada de crises, crimes, genocídios e catástrofes. Como diria Arendt (1955), percebemos, atualmente, a estranha irrealidade que assombra as relações humanas contemporâneas, em sua absoluta ausência de mundanidade e humanidade. No mundo de hoje, segundo Soares (2020), os valores democráticos e a institucionalidade de nossa sociedade agonizam e são lentamente asfixiados. As diversas violências, entre elas o racismo estrutural, sobre as quais, desde muito, ergueram-se as relações humanas, começam a ganhar contornos mais visíveis e unicidade estratégica.

Sentimos o peso desses tempos perigosamente sombrios, também em nosso país. Concordo com Rosana Pinheiro-Machado (2019), cientista social e antropóloga, quando ela nos diz que, desde as grandes manifestações de 2013, passamos, nós, brasileiros, a repetir a mesma pergunta: o que está acontecendo com o Brasil? Compartilho também com ela o entendimento de que, frente às incessantes e avassaladoras mudanças que o país tem enfrentado, acabamos por nos sentir como passageiros em um trem completamente desgovernado, sem saber ao certo como viemos parar aqui, como nos proteger e como dar

sentido, viver e combater o caos e as truculências que experimentamos diariamente.

Achille Mbembe (2016), teórico, historiador e filósofo político camaronês, explica as relações humanas e, portanto, políticas, de hoje, pela ideia de necropolítica. Para ele, a soberania (dos governos) reside no poder expresso de matar, ou seja, de decidir quais vidas devem e podem ser exterminadas e quais podem ter o privilégio de serem mantidas. Pelo poder estratégico exercido por governos com vieses fascistas, em aliança com o capitalismo destrutivo, a morte (física ou simbólica), estrategicamente controlada, com base em uma estrutura social desigual e desumana, é normalizada. Nesse contexto, em um ensaio recente, publicado em espanhol, Judith Butler (2020)¹, filósofa estadunidense, indaga quais vidas são consideradas choráveis em nosso mundo público, nesses tempos sombriamente pandêmicos, marcados pela crise permanente. A autora confronta a violência humana e a morte resultantes de ações estrategicamente ordenadas, em termos institucionais e políticos, denunciando também as mortes provocadas pela negligência institucional sistêmica e pelas quais ainda temos sido violentamente impedidos de chorar.

Em tempos de genocídio, como bem coloca Maurizio Lazzarato (2019), sociólogo e filósofo italiano, é urgente e necessário estamos atentos a dois fatos. Primeiramente, não há qualquer contradição entre ditadura e neoliberalismo. Além disso, o capital não está nem um pouco preocupado com a destruição generalizada, seja de pessoas, seja do planeta, porque é justamente esse aniquilamento das possibilidades de vida a condição premente de sua existência e acumulação. Atualmente, segundo Lazzarato (2019), vivemos novos fascismos, em que a agenda de destruição segue a todo vapor, uma vez que o neoliberalismo se mantém, maquiado, contudo, de nacionalismo. Assim, o poder contemporâneo continua a se manifestar na gestão de fluxos migratórios, realizados a partir de uma nova versão dos agenciamentos colaborativos civil-militares. Para esse pensador, o controle de fluxos e a hierarquização se fazem hoje, de modo mais efetivo e violento, pela guerra contra as populações discriminadas.

Vivemos, assim, ainda às sombras do extermínio simbólico e físico (dos imigrantes e de outros grupos minoritarizados), em coesão com novas modalidades de exploração de forças de trabalho, políticas segregacionistas, privatizações etc. Nos tempos sombrios contemporâneos, o poder soberano e a biopolítica *coexistem*, pois, conforme discute

¹ O citado ensaio, publicado no El País, pertence ao livro *Sin Miedo – Formas de Resistencia a la Violencia de Hoy* (Taurus), lançado em 9 de julho na Espanha, e ainda inédito no Brasil.

Lazzarato (2019), sob o peso do capitalismo destrutivo desenfreado e do poder irrestrito do capital, seguem unidos o civil e o militar, a guerra e a governabilidade, sem minimamente esbarrarem na necessidade ou desejo de paz. Podemos, assim, caracterizar o novo fascismo como ultraliberal e, então, como totalmente favorável ao mercado, à empresa, à iniciativa individual. O apelo à democracia lhe convém e o racismo que imputa à sociedade é fortemente cultural, pois não assume mais sua faceta conquistadora como na época das colonizações, mas expressa sua face genocida pelo seu poder de destruição das ditas “minorias”, dos “estrangeiros”, dos “delinquentes”.

Em uma sociedade do desempenho, como bem descreve Han (2017), em que impera o capitalismo dadocêntrico, é possível caracterizar o fascismo contemporâneo como *ciberfascismo*, conforme proposto por Lazzarato (2019). A dinâmica da sociedade digital instaura o controle algorítmico e depende das plataformas digitais para perpetuar e impulsionar o novo petróleo de nossa economia – a produção de dados (pessoais). Como vem há tempos nos alertando Morozov (2018), pesquisador e escritor bielorusso, as *fake news* (verdades fraudulentas, como muitos têm optado por chamá-las) são absolutamente lucrativas, e o capitalismo digital ou dadocêntrico, representado pelo Vale do Silício, ao buscar converter tudo e todos em um ativo rentável, as controla e manipula estrategicamente para a perpetuação do sistema. Como ressalta Helena Martins (2020), jornalista e professora universitária, o capitalismo destrutivo precisa da desinformação para sobreviver e se superar. E o ódio, aquele velho conhecido dos períodos sombrios, serve como sua força de combustão, já que, infelizmente, como nos lembra Morozov (2018), vende muito mais que a solidariedade.

De modo similar aos tempos de terror descritos por Hannah Arendt (1955), também na época pós-fática das notícias fraudulentas e das *deep fakes* (realidades fraudadas, em tradução livre), como afirma Han (2020a), surge uma apatia à realidade, que nos leva a banalizar o mal e a permitir o alastramento de seu poder repressivo e genocida. Na sociedade contemporânea do rendimento, perversamente sombria, travamos guerras contra tudo e contra todos, inclusive e principalmente, contra nós mesmos. Em tempos de novos fascismos como macropolítica, conforme alerta Lazzarato (2019), as vitórias dos governos não advêm da tecnologia em si, mas de um plano *estrategicamente* perverso, que movimenta uma micropolítica dos afetos tristes (tais como, frustração, ódio,

inveja, angústia, medo). Esses arranjos, para o referido autor, dão consistência fértil e firme às subjetividades absolutamente devastadas na financeirização.

O que perdemos em tempos perigosamente sombrios como esses que vivemos? Soares (2020) ecoa a resposta de Hannah Arendt a essa indagação: perdemos tudo; perdemos todos. Nas exatas palavras de Leonardo Barros Soares (2020, s/p, ênfase adicionada),

[...] perdem-se as nuances entre os termos da gramática dos conflitos sociais, a polêmica como processo de movimentação da vida intelectual de uma dada coletividade, a dissidência como um direito alienável dos indivíduos frente aos grandes corpos teóricos dogmáticos, o potencial revolucionário das artes e mesmo as tradições espirituais perdem seu *élan* vital, sua capacidade de envolver os seres humanos em um conforto para suas angústias e medos. Em tempos sombrios se perde, sobretudo, a *humanitas*, o processo de transformação dos seres biológicos em seres políticos, públicos, cidadãos da pólis. Em outras palavras, nos desumanizamos. Perdemos empatia, afeto, solidariedade, fraternidade, amorosidade, confiança em nós mesmos e nos outros. Contrariamos nossa vocação ontológica e nos tornamos **mediócrs, menos humanos**.

É interessante observar que Soares (2020) também nos incita a refletir como temos enfrentado e resistido nesses e a esses tempos. Somos cúmplices ativos ou passivos? Resistimos como podemos? Como engendrar outros mundos possíveis?

Parece difícil ser otimista em um momento em que toda a violência e terror se intensificam em meio a uma pandemia que instaurou o que temos chamado de crise da COVID-19². Esses tempos pandêmicos, de modo possivelmente nunca antes vivenciado, expõem brutalmente, além de nossa vulnerabilidade, principalmente as violências e as desigualdades abissais impostas pelo racismo estrutural e pelo capitalismo destrutivo. Pensar possibilidades de ruptura diante da realidade que nos abate divide a todos. Consenso não é encontrado tampouco junto a grandes pensadores contemporâneos, como nos lembra o artigo de Erick Kayser (2020). Por um lado, temos o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2020) contestando que a maior ameaça imposta pelo vírus seja o retorno à barbárie e à brutalidade e, por consequência, defendendo a iminência de superação do capitalismo de desastre. Em contrapartida, nos deparamos com o sul-coreano Byung Chul Han (2020a/b) que, ao comparar os países asiáticos com os ocidentais quanto às suas formas de

² Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/COVID-19>>. Acesso em: 12 set. 2020.

enfrentamento da pandemia, indaga se estaríamos retornando à uma sociedade disciplinar, e sugere que a ruptura poderia somente ocorrer por meio de nossa capacidade de repensar e frear a destruição da humanidade e do planeta, há muito em curso.

Ao discorrer sobre os tempos sombrios da humanidade, Arendt (1955) também nos diz que olhos acostumados às sombras têm dificuldade de discernir o diferente brilho das diversas formas de luz. Em outra obra sua (ARENDR, 2013), somos levados a refletir sobre a ideia de que o enfrentamento de uma crise só se mostrará desastroso e ineficaz se for conduzido por juízos já formados. Com base nesses pensamentos, começam a se delinear possíveis respostas às nossas angustiantes perguntas. Para enfrentarmos nossos tempos violentos, nossos dramas e nossas dores, precisamos, antes de mais nada, ter a vontade e a coragem de nos despirmos de nossas verdades e de tudo o que nos massageia o ego. Desse modo, é preciso haver a convicção de que realmente estamos dispostos a apresentar uma postura aberta e desapegada diante de nossas crenças e privilégios, para assumirmos responsabilidade social perante a construção de uma nova racionalidade e uma nova forma de coexistência no planeta. É necessária, ainda, muita força interior para rompermos nossas bolhas e nos colocarmos em posição de escuta ativa, interessada e comprometida perante o outro. A escuta a que me refiro aqui não se restringe à audição, mas implica, de forma mais ampla e profunda, o ato de sensibilizar-se e de verdadeiramente importar-se com o outro.

Assumir o compromisso de transformação de nós mesmos e do mundo revela-se algo que está, então, intimamente ligado à vivência da solidariedade freireana. Essa solidariedade não se confunde com a *obrigação* de gostar do outro ou de pensar do mesmo modo, mas de, em meio às diferenças, assumir-se como *cúmplice* desse outro, na vida pensada em uma ética comunal. Somos solidários quando compartilhamos da luta contra qualquer tipo de pensamento que imputa sofrimento às pessoas e, portanto, também contra situações de opressão, violência e abuso, de qualquer ordem. Para Freire (2013), a solidariedade vai além de uma conexão pessoal para revelar-se dinâmica e fluidamente política, plural e pública. Paulo Freire (2013) nos ensina, também, que a solidariedade é algo construído e, como tal, pode e deve ser *aprendido*. Para que seja verdadeira, nos lembra ele que a solidariedade deve ser vivida e exercitada em nosso pensamento, em nosso comportamento, em nossas convicções, em nossos *corpos*. Assim, penso que, como

a linguagem, essa solidariedade é possibilidade de (re)existência. Ela é experimentada, performada e corporificada.

O enfrentamento de tempos sombrios nasce de nossa capacidade de nos abrir por completo às possibilidades de (*con*)vivência solidária. Isto porque, como nos alerta Harari (2020), em tempos sombrios e pandêmicos, o que mata mais é o ódio extremo, aliado à nossa incontrolável ganância e imensa ignorância. Para Keating (2007), educadora e pesquisadora norte-americana, essa abertura a um sentimento forte de coletividade solidária e empática é somente possível se nos desvencilharmos de nosso individualismo, de nosso egocentrismo e de nossa necessidade de emitir juízos de valor. Esse movimento potencializa a ampliação de nossa capacidade e disposição de escutar a tudo e a todos ao nosso redor e para além disso. Para que a escuta seja transformativamente solidária, é preciso, então, que *escutemos com nossos corpos* (KEATING, 2007). Essa força e energia subversivas oferecem, a meu ver, um enorme potencial de ruptura, porque permitem expandir nossa senciência, desacostumar nossa racionalidade, mobilizar o que nos escapa à razão e desaprender formas impostas de expressão e de existência. Possibilitam, portanto, que também expressemos estrategicamente e criativamente nossa dor e nossa raiva, em um viés solidariamente justo. Nas palavras de Freire (2004), a raiva justa é aquela que, de modo não truculento, nos impele a combater as mais diversas formas de injustiças e violências. Creio que essa solidariedade, ao nos situar em meio ao espaço público, pode expandir nossa disposição de escuta e nos fazer, assim, perceber mais nitidamente os graves problemas de nosso egocentrismo. Por consequência, essa força de vida pode estrategicamente permitir um descentramento capaz de nos fazer reconhecer a urgência de interrompermos a brutal imposição de nossa imaginada soberania em relação a outros seres e elementos que integram a vida nesse planeta. Não é de hoje que Ailton Krenak (2019), líder indígena e jornalista, vem denunciando os irreparáveis danos impostos pelo Antropoceno. Nossos tempos sombrios, segundo ele, criam ausências que dilaceram não somente o sentido de vida em sociedade, mas sobretudo, o sentido da *experiência* da vida. Pensar antropológicamente nossos sentidos, a fim de ampliar as possibilidades de vida como experiências, significa reconhecer, também, que nossos sentidos e afetos são culturalmente constituídos e, portanto, sempre ideologicamente marcados. Ao advogar a unicidade do ser e do evento, Bakhtin (2017) já nos dizia que tudo o que é por nós

experimentado entra em relação *afetiva* conosco. Penso, contudo, que o poder (subversivo) dos afetos tenha sido, há muito, demasiadamente negligenciado em nossa sociedade.

Argumento, portanto, em favor de uma política do afeto (MASSUMI, 2015), como forma estratégica de enfrentamento dos horrores de nossos tempos. Espinosa (2008) nos explica que somos afetados, em nossos corpos, pelas pessoas e pelo mundo. Os afetos tristes minam nossa potência de ação, enquanto os alegres ampliam-na. Compreender esses afetos e suas potencialidades pode contribuir de forma expressiva para ações mais estrategicamente alinhadas à noção de solidariedade como sonho político proposta por Paulo Freire e colaboradores (2016).

Quando falamos de rupturas paradigmáticas em tempos de crise, concordo com Kayser (2020), no sentido de que o mais efetivo, talvez, seja o amparo em uma complexa, instável e inacabada dialética que nos permita uma esperança *realista*. Buscando afastar-me, portanto, de visões dicotomicamente extremistas, sejam elas pessimistas ou otimistas, atendo-me à esperança, também freireana, como recurso político e metodológico (estratégico), com vistas à realização, esta sempre em eterno devir, da utopia crítica (GARDINER, 2010). Esta esperança, nas palavras de Freire, se fundamenta na celebração da ação humana criativa (e, portanto, capaz de reinventar mundos), aliada a um ataque sem trégua ao medo que, no fundo, temos da liberdade. A utopia crítica e esperançosa, por sua vez, *denuncia*, ao mesmo tempo em que nos permite *anunciar* e realizar o inédito viável (FREIRE, 2014). Como descreve Michael Gardiner (2010), sociólogo, a natureza crítica, quando constitutiva do sonho esperançoso, é capaz de interromper as mais diversas relações de dominação e, ao mesmo tempo, de oferecer visões alternativas de organização social, econômica e política.

Também para Rosana Pinheiro-Machado (2019), a esperança será capaz de tornar o amanhã maior, porque o coletivo e o comunal podem potencializar, em tempos perigosos de crise, forças de resistência perante os avanços conservadores e autoritários que temos presenciado hoje e que se mostram sempre impregnados de alienação e de individualismo atroz.

Quiçá a micropolítica dos afetos possa apresentar-se como força potencial e estratégica de resistência e subversão ao novo fascismo que irrompe brutalmente nos tempos sombrios contemporâneos. Que possamos nos valer dessa energia e aprender a

reinventar redes estratégicas capazes de mudar a nós mesmos e também ao sistema, permitindo-nos vislumbrar novos mundos. Que possamos, enfim, fazer e ser *resistência*, aos moldes pensados por Noemi Jaffe (2015, orelha do livro) ao escrever sobre a obra homônima de Julián Fuks:

Pessoas resistem – não permitem que forças externas alterem seus princípios e valores; suportam dificuldades aparentemente inimagináveis; não revelam segredos, nem sob penas e dores terríveis. Por vezes, resistem mesmo quando parece que se entregam: uma resistência semelhante à da água, maleável, mas nem por isso menos resistente.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARENDDT, H. *Homens em tempos Sombrios*. São Paulo: Companhia de Bolso [Editora Schwarcz Ltda], 1955. Versão e-book Kindle.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João, 2017.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BUTLER, J. Judith Butler: “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?”, *El País*, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P. (Org.). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A.; OLIVEIRA, W. F. *Pedagogia da Solidariedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FUKS, J. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GARDINER, M. O carnaval de Bakhtin: a utopia como crítica. In: RIBEIRO, A. P. G ; SACRAMENTO, I. (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João, 2010, p. 211-256.

HAN, B. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. O corona vírus de hoje e o mundo de amanhã. *Instituto Humanitas Unisinos*, 23 de março de 2020(a). Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597343-o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

HAN, B. Estamos a caminho de uma nova sociedade disciplinar? *Instituto Humanitas Unisinos*, 9 de abril de 2020(b). Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597921-estamos-a-caminho-de-uma-nova-sociedade-disciplinar-artigo-de-byung-chul-han>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

HARARI, Y. Maior perigo não é o vírus, mas ódio, ganância e ignorância [Entrevista concedida à Deutsche Welle], *DW*, 26 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/yuval-noah-harari-maior-perigo-n%C3%A3o-%C3%A9-o-v%C3%ADrus-mas-%C3%B3dio-gan%C3%A2ncia-e-ignor%C3%A2ncia/a-53232884>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KAYSER, E. Os limites das políticas otimistas e pessimistas na crise do COVID-19 ou o “duelo” Slavoj Zizek vs Byung Chul Han. *Instituto Humanitas Unisinos*, 16 de abril de 2020. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598108-os-limites-das-politicas-otimistas-e-pessimistas-na-crise-do-covid-19-ou-o-duelo-slavoj-zizek-vs-byung-chul-han-artigo-de-erick-kayser>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KEATING, A. L. *Teaching transformation: transcultural classroom dialogues*. New York: Palgrave/Macmillan, 2007.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAZZARATO, M. *O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

MARTINS, H. *A desinformação em meio a crise social*. *Le Monde Diplomatique/Brasil*, 9 de junho de 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-desinformacao-em-meio-a-crise-social/>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MASSUMI, B. *Politics of affect*. Cambridge: Polity Press. Kindle edition, 2015.

MBEMBE, A. Necropolítica, *Ares & Ensaios*, n.32, p. 123-151, 2016.

MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

PINHEIRO-MACHADO, R. *Amanhã vai ser maior*. O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SOARES, L. B. Tempos Sombrios. *Instituto Humanitas Unisinos*, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595552-tempos-sombrios>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

ZIZEK, S. A Bárbarie com o Rosto Humano. *Instituto Humanitas Unisinos*, 1 de abril de 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597676-a-barbarie-com-rosto-humano-artigo-de-slavoj-zizek>>. Acesso em: 25 jul. 2020.